Universidades Lusíada

Pires, Sara
Vieira, Diana
Castello Branco, Maria

Dislike : cyberbullying e psicopatologia na adolescência

http://hdl.handle.net/11067/6401

Metadados

Data de Publicação 2020

Resumo A presente revisão pretende identificar fatores de risco para ser vítima de cyberbullying na adolescência, consequências desta agressão na saúde mental e medidas preventivas disponíveis na literatura. Os fatores que predispõem à vulnerabilidade ao cyberbullying parecem relacionar-se com a existência de bullying tradicional, perfil de introversão e/ou ansiedade social, dispender demasiado tempo online e ter comportamentos de risco através de meios electrónicos. As consequências na saúde mental sã...

This review aims to identify the risk factors for becoming a victim of cyberbullying in adolescence, the consequences of this aggression on mental health and the preventive measures mentioned in the literature. The vulnerability for this type of agression seems to be related to the existence of traditional bullying, introversion profile and /or social anxiety, amount of time spent online and engaging in risky behaviors through electronic means. Adolescents who experience cyberbullying are at inc...

Palavras Chave Bullying virtual, Bullying virtual - Aspectos psicológicos, Jovens - Saúde mental, Bullying virtual - Prevenção

Tipo article

Revisão de Pares yes

Coleções [ULL-IPCE] RPCA, v. 11, n. 1 (2020)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T05:49:40Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

DISLIKE: CYBERBULLYING E PSICOPATOLOGIA NA ADOLESCÊNCIA

DISLIKE: CYBERBULLYING AND PSYCHOPATHOLOGY IN ADOLESCENCE

Sara Pires
Diana Vieira
Maria Castello Branco
Hospital Dona Estefânia
Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central

DOI:
Recebido: 00.00.0000
Aprovado: 00.00.0000

Resumo: A presente revisão pretende identificar fatores de risco para ser vítima de *cyberbullying* na adolescência, consequências desta agressão na saúde mental e medidas preventivas disponíveis na literatura. Os fatores que predispõem à vulnerabilidade ao *cyberbullying* parecem relacionar-se com a existência de *bullying* tradicional, perfil de introversão e/ou ansiedade social, dispender demasiado tempo *online* e ter comportamentos de risco através de meios electrónicos. As consequências na saúde mental são variadas, identificando-se perturbações de ansiedade e/ou depressivas, alterações do sono, problemas alimentares, sintomatologia psicossomática, uso de substâncias, problemas de concentração e absentismo escolar. O papel dos psicólogos, pedopsiquiatras e técnicos de cuidados de saúde primários revela-se de extrema importância na prevenção do *cyberbullying*, podendo estes profissionais informar os adolescentes sobre os riscos *online*, identificar precocemente casos desta agressão e evitar o impacto negativo que este fenómeno pode ter ao nível da saúde mental.

Palavras-chave: *Cyberbullying*; Adolescência; Psicopatologia; Vitimização.

Abstract: This review aims to identify the risk factors for becoming a victim of cyberbullying in adolescence, the consequences of this aggression on mental health and the preventive measures mentioned in the literature. The vulnerability for this type of agression seems to be related to the existence of traditional bullying, introversion profile and /or social anxiety, amount of time spent online and engaging in risky behaviors through electronic means. Adolescents who experience cyberbullying are at increased risk for several mental health conditions, such as anxiety and/or depressive disorders, sleeping disorders, eating problems, psychosomatic symptoms, substance use, concentration problems and school absenteeism. Psychologists, child and adolescent psychiatrists and primary care technicians play an important role in the prevention of cyberbullying in adolescents. They can provide information about the risks online, identifying early cases of victimization and thus avoiding the negative consequences on the youth mental health.

Keywords: Cyberbullying; Adolescence; Psychopathology; Victimization.

Introdução

Os primeiros estudos sobre *bullying* são atribuídos a Olweus, que o define como um comportamento agressivo e intencional, proferido, de forma repetida no tempo,

por um grupo ou pessoa individual, contra alguém com menor capacidade de defesa (Olweus, 1993). Esta definição é amplamente aceite e têm sido os critérios de intenção, repetição e desequilíbrio de poder, os usados para definir o conceito de *cyberbullying* (Guan, Kanagasundram, Ann, Hui & Mun, 2016; Olweus, 2005). Tokunaga acrescenta que o *cyberbullying* se relaciona com atos realizados através de meios eletrónicos ou digitais, por indivíduos ou grupos, que comunicam repetidamente através de mensagens hostis destinadas a infligir dano ou desconforto à vítima (Tokunaga, 2010). Nos dias de hoje os adolescentes encontram-se ligados *online* de forma quase permanentemente, numa fase em que o seu desenvolvimento emocional e social é vulnerável à influência dos pares e em que existe uma capacidade limitada de autorregulação (Ferrara, Villani & Corsello, 2018).

Ao contrário do *bullying* tradicional, no qual há um confronto físico e/ou verbal entre agressor e vítima ou, de forma indireta, através de rumores sobre a vítima, num determinado local, o *cyberbullying* pode virtualmente ocorrer ao longo de 24 horas e ser menos facilmente punido. O agressor tem a possibilidade de se esconder atrás de um ecrã, contactar diretamente a vítima ou partilhar conteúdos para uma maior audiência, agindo de forma anónima. A tecnologia atual permite que os efeitos do *cyberbullying*, relacionados com partilha de conteúdos ou informação da vítima, sejam disseminados de forma rápida e extensa entre a comunidade *online*. A grande maioria dos adolescentes tem telemóvel e computador, oferecendo-lhes a possibilidade de contactar de forma instantânea com diversas pessoas e, consequentemente, estar expostos a diversas situações de risco, como o *cyberbullying* (Aboujaoude, Savage, Starcevic & Salame, 2015; Guan et al., 2016). Existem diferentes tipos de *cyberbullying*: escrito-verbal - através de telefonemas ou áudios, mensagens escritas ou emails; visual - através do envio de imagens e/ou fotografias; uso da identidade da vítima - para aceder/revelar informação pessoal; e comportamentos de exclusão - banindo deliberadamente a vítima de um determinado grupo online (Katzer, Fetchenhauer & Belschak, 2008; Menesini, Calussi & Nocentini, 2009).

Existem três intervenientes principais no *cyberbullying*: vítimas, agressores e não envolvidos (ou observadores). Em algumas situações, as vítimas acabam por se tornar também agressores, exercendo *cyberbullying* sobre outros indivíduos, ato interpretado como uma tentativa de ganhar reputação e mostrar ser capaz de se defender. Este último é identificado como perfil de vítima-agressor (Martínez-Monteagudo et al., 2020).

Apesar da sua origem mais recente, o *cyberbullying* constitui já um grave problema de saúde pública (Aboujaoude et al., 2015). A sua prevalência varia consideravelmente nos estudos realizados até o momento. Algumas revisões apontam valores entre de 4% e 36% para vítimas e de 16 a 18% para agressores (Martínez-Monteagudo, Delgado, Inglés & Escortell, 2020). Estas diferenças podem ser explicadas pelo diferente uso de tecnologia em diversos países e pelo facto de ser subnotificada, dado o receio de exposição, represálias e vergonha de assumir ter sido vítima deste tipo

de agressão (Tavares, 2012). Alguns jovens podem igualmente recear que lhes seja interdito o acesso à internet pelos pais e que estes possam ver determinados conteúdos partilhados *online* (Ferrara et al., 2018). Os diferentes achados relativos à prevalência podem também dever-se a fatores como a diferente conceptualização de *cyberbullying*, critérios de frequência de exposição à agressão, o período de ocorrência, tipo de metodologia usada no estudo, faixa etária da amostra, entre outros (Patchin & Hinduja, 2012; Suzuki, Asaga, Sourander, Hoven & Mandell, 2012).

Relativamente à população portuguesa, um estudo recente aponta que 82.3% dos jovens terão observado episódios de cyberbullying, 47.1% serão vítimas e 39.9% serão agressores (Veiga et al., 2019).

Através do presente artigo, pretende-se efetuar uma revisão narrativa da literatura que visa identificar os fatores de risco para ser vítima de *cyberbullying* na adolescência, consequências desta agressão na saúde mental dos jovens e compreensão das medidas preventivas desta prática referidas na literatura.

Métodos

Foi efetuada uma pesquisa de estudos publicados até Fevereiro de 2020, em Português, Inglês ou Espanhol, através da pesquisa nas plataformas PubMed, Web of Science, PsychINFO e ResearchGate, com as palavras-chave "cyberbullying", "cybervictimization", "adolescents", "psychopathology" e "prevention".

A seleção inicial de artigos foi realizada através da leitura dos títulos e *abstracts*, selecionando aqueles cuja relevância se adequava aos objetivos da revisão. Foram excluídos artigos duplicados, artigos cujo conteúdo abordasse maioritariamente o *bullying* tradicional ou que se limitassem ao *cyberbullying* na idade adulta.

Após a pesquisa inicial, foram encontrados 146 artigos e, por aplicação dos critérios referidos, foi efetuada a leitura integral de 33 artigos. Após avaliação dos últimos, foram incluídos 29 artigos para elaboração da presente revisão.

Resultados

Fatores de Risco

Os dados disponíveis relativamente à relação entre prevalência e género são bastante contraditórios, havendo poucos estudos que associem este parâmetro demográfico ao risco de ser vítima de *cyberbullying* (Álvarez-García, Pérez, González & Pérez, 2015). Contudo, observa-se uma prevalência ligeiramente superior de raparigas vítimas de *cyberbullying* e uma prevalência ligeiramente superior de rapazes envolvidos como agressores (Aboujaoude et al., 2015). Não parece haver associação com diferenças raciais ou étnicas (Morin, Bradshaw & Kush, 2018). Relativamente à idade, os resultados disponíveis são também divergentes, pelas diferentes metodologias usadas nos estudos encontrados, nomeadamente quanto aos intervalos de idade

definidos. Contudo, não se observa uma relação linear entre idade e prevalência de *cyberbullying*. Esta parece ser baixa na pré-adolescência, aumentar ao longo da adolescência e diminuir novamente com a entrada na idade adulta (Aboujaoude et al., 2015; Álvarez-García et al., 2015). Outros fatores referidos na literatura como eventuais predisponentes a ser alvo de *cyberbullying*, relacionam-se com ser também vítima de *bullying* tradicional no presente, ou ter sido no passado; ter um perfil de introversão e/ou ansiedade social; dispender demasiado tempo *online* e ter comportamentos de risco (como por exemplo partilhar informação pessoal, utilizar *webcam*, entre outros) (Álvarez-García et al., 2015; Guan et al., 2016).

Impacto na Saúde Mental

As consequências ao nível da saúde mental são variadas e incluem um espectro alargado de sintomatologia psiquiátrica que pode ser inaugural ou exacerbada pelos episódios de *cyberbullying* (Garaigordobil, 2011; Kwan et al., 2020). Segundo alguns autores, as consequências do *cyberbullying* podem inclusivamente ser mais destrutivas do que outras formas de agressão, pelas razões apontadas na comparação com o *bullying* convencional, nomeadamente o anonimato, espaço de atuação alargado, facilidade e tempo de disseminação e a possível perpetuação da agressão no tempo (Tavares, 2012):

a) Problemas de socialização, associados a um maior isolamento por parte das vítimas e, consequentemente, dificuldades no estabelecimento de relações sociais saudáveis (Prados & Fernández, 2007). As vítimas de *cyberbullying* relatam mais sentimentos de solidão, marginalização pelo grupo de pares e identificam um menor número de amigos, comparativamente a adolescentes não expostos a *cyberbullying*. Por vezes, as vítimas tentam escapar dos seus sentimentos de solidão refugiando-se na *internet*, o que acaba por agravar o seu estado de isolamento (Cañas, Estévez & Musitu, 2020).
b) Em casos mais graves, pode instalar-se um quadro de perturbação de ansiedade. Este problema pode afetar todos os indivíduos envolvidos, com a sintomatologia mais severa a ser encontrada nas vítimas. Acredita-se que haja uma relação bidirecional entre sintomatologia internalizante e ocorrência de *cyberbullying* (Martínez-Monteagudo et al., 2020). Jovens com ansiedade social tendem a refugiar-se na internet, utilizando as redes sociais para comunicar e estabelecer amizades virtuais. Desta forma, acabam por potencialmente entrar em contacto com desconhecidos, ficando mais vulneráveis a uma eventual agressão. Por outro lado, o *cyberbullying* exercido em jovens suscetíveis, poderá agravar significativamente um quadro de ansiedade social pré-existente (Aoyama, Saxon & Fearon, 2011).
c) Baixa autoestima, nomeadamente ao nível da autoimagem, fator que pode

ser o elemento central da agressão. A partilha online pelos jovens de fotografias da face e/ou corpo em redes sociais como o Facebook® coloca-os numa posição suscetível à receção de comentários depreciativos como "feio/a" ou "gordo/a". Estes podem afetar negativamente a perceção do jovem relativamente à sua aparência, resultando em insatisfação com a sua imagem corporal (Salazar, 2017).

d) Sendo a imagem, nomeadamente associada ao peso ou forma corporais, um dos alvos principais de *cyberbullying*, alguns estudos procuraram compreender qual o seu impacto ao nível dos hábitos alimentares das vítimas (Salazar, 2017; Marco & Tormo-Irun, 2018). Parece haver uma tendência aumentada para o início de dietas para perda de peso em adolescentes que sofrem de *cyberbullying* (Salazar, 2017) e, em casos mais graves, desenvolvimento de perturbações do comportamento alimentar (restrição alimentar, compulsão alimentar e comportamentos purgativos como o vómito) (Marco & Tormo-Irun, 2018).

e) Vítimas de *cyberbullying* podem apresentar problemas de concentração, sentimentos de insegurança em ambiente escolar, menor motivação e baixo nível de participação nas aulas, com consequente diminuição do rendimento académico. Em casos mais graves pode ocorrer absentismo escolar de longa duração (Cañas et al., 2020; Morin et al., 2018).

f) Parece existir uma relação entre ser alvo de *cyberbullying* e o uso de estratégias de *coping* emocional desadaptativas, como a ruminação (pensamento repetitivo sobre emoções e memórias angustiantes), progressivamente mais significativas ao longo do tempo de exposição a *cyberbullying*, resultando numa diminuição da quantidade e qualidade do sono. Estas alterações do padrão de sono podem não ocorrer apenas durante o período da agressão, prolongando-se o risco da perturbação até dois anos (Morin et al., 2018).

g) Foi também encontrada uma associação entre *cyberbullying* e sintomatologia psicossomática, com uma prevalência aumentada de cefaleias, epigastralgias e queixas álgicas dorsais nas vítimas. Esta associação relaciona-se também com o nível de exposição, observando-se que os atos de *cyberbullying* mais graves e repetitivos estão associados a queixas somáticas múltiplas e mais intensas (Vieno et al., 2015).

h) Embora os dados disponíveis sejam escassos, alguns autores sugerem que as vítimas de *cyberbullying* tendem a envolver-se mais frequentemente em comportamentos de risco, nomeadamente abuso de álcool e outras substâncias, como estratégia de *coping*. Esta relação parece ser mais consistente em jovens que apresentam sintomatologia depressiva concomitante (Aboujaoude et al., 2015; Pham & Adesman, 2015).

i) Diversos estudos têm revelado uma associação entre ser vítima *cyberbullying* e risco de desenvolver perturbações afetivas, encontrando-se nestes jovens

um aumento significativo de emoções negativas como tristeza, desesperança e impotência perante a situação vivida. Em alguns casos, nomeadamente em situações de agressão severa e prolongada no tempo, podem observar-se perturbações depressivas graves (Aboujaoude et al., 2015; Nixon, 2014). De facto, diversos estudos têm demonstrado uma prevalência superior de ideação suicida e tentativa de suicídio nestes adolescentes, comparativamente a jovens não envolvidos em *cyberbullying* (Gini & Espelage, 2014).

Prevenção e Intervenção

A prevenção do *cyberbullying* passa por diferentes intervenientes: adolescentes, pais ou outros cuidadores, professores e profissionais de saúde. Relativamente aos pais/cuidadores, estes são identificados como pilar fundamental ao nível da prevenção, sendo a sua capacidade de intervenção mais limitada quando já decorrem situações de *cyberbullying*. Falando em prevenção, é importante que exista uma boa comunicação com os jovens, promovendo a sua educação e informação, atentando ao seu estado emocional e supervisionando o uso de tecnologias. A existência de uma comunicação frequente é fundamental, uma vez que alguns jovens podem esconder dos pais que são vítimas de *cyberbullying* por receio que o acesso à internet lhes seja limitado. Um problema apontado pelos pais/cuidadores relaciona-se com o seu menor domínio das novas tecnologias, comparativamente aos adolescentes, fator que pode limitar a sua capacidade de monitorizar a utilização de internet. (Mehari et al., 2018).

Uma estratégia comummente referida nos estudos de prevenção de *cyberbullying* é a educação de todos os elementos envolvidos na vida dos jovens, fornecendo informação não apenas a estes, mas também aos pais, professores e auxiliares de ação educativa. Esta informação pode ser transmitida através de palestras nas escolas, documentos informativos ou consulta de *websites*. Ensinar aos jovens formas de se defenderem de episódios *cyberbullying é fundamental no combate a este tipo de agressão*, incluindo educação sobre o tipo de informação pessoal que não deve ser partilhada online e as fronteiras que devem ser definidas na comunicação eletrónica (Espelage & Hong, 2016; Guan et al., 2016).

Tem sido proposto por alguns autores que programas educativos direcionados ao *bullying* tradicional poderão ser aplicados no *cyberbullying* (Chaux,Velásquez, Schultze-Krumbholz & Scheithauer, 2016). Como exemplo, esse princípio foi aplicado ao projeto KiVa™, um programa escolar finlandês, que procura impedir o *bullying* tradicional, promovendo a empatia entre pares e o envolvimento de observadores em situações de agressão conhecida. Mais especificamente, este programa inclui ferramentas globais que visam a prevenção (aulas sobre *bullying* e jogos educativos online) e intervenções individuais, aplicadas a casos sinalizados, e que englobam vítimas, agressores e observadores. Verificou-se que, além da diminuição de episódios de *bullying*, a sua aplicação diminuiu também o número de episódios de *cyberbullying,* após um ano

de implementação (Williford et al., 2014).

Relativamente a medidas existentes em Portugal, *Veiga et al.* fazem referência ao programa Com@Viver, que propõe três intervenções diferenciadas: o programa Com@Viver no primeiro ciclo, com ações formativas que visam proporcionar aos professores estratégias de prevenção e de intervenção no ambito do *bullying* e do *cyberbullying*; o jogo Com@Viver Jogando, um jogo digital que permite aos alunos participar enquanto observadores em incidentes hipotéticos de *cyberbullying*, promovendo comportamentos pró-sociais; e a aplicação de telemóvel Com@Viver Online, que ajuda os adolescentes a regularem o seu comportamento em situações de *cyberbullying*, através da linguagem (Veiga et al., 2019).

Os profissionais de saúde mental, nomeadamente psicólogos e psiquiatras da infância e da adolescência, bem como os profissionais de cuidados de saúde primários, têm também um papel fundamental na prevenção e identificação precoce de casos de *cyberbullying*. Estes podem esclarecer pais e jovens sobre os riscos online e consequências deste fenómeno ao nível da saúde mental na adolescência. Esta sensibilização pode ser feita em contexto de consulta e através do fornecimento de materiais de suporte, como *flyers* ou brochuras sobre o tema. Alguns autores sugerem igualmente a inclusão de perguntas dirigidas aos adolescentes, nas consultas de saúde infantil, sobre a relação entre pares e ocorrência de episódios de *cyberbullying,* para um despiste atempado de eventuais agressões e proteção dos jovens (Espelage & Hong, 2016; Guan et al., 2016; Mehari et al., 2018).

Discussão

A comunicação *online* tornou-se um elemento central na vida dos jovens, oferecendo oportunidades de desenvolvimento psicossocial e de estabelecimento e reforço da relação entre pares. Contudo, desta comunicação podem surgir interações menos positivas, como a ocorrência de *cyberbullying*.

Os resultados observados permitem concluir que este tipo de agressão poderá ter consequências graves na vida dos adolescentes, nomeadamente ao nível da sua saúde mental. A possibilidade de anonimato do agressor, a exposição e rápida partilha de informação da vítima são características que poderão agravar este impacto negativo, comparativamente ao *bullying* tradicional.

Acredita-se que a prevalência de *cyberbullying* tenha tendência a aumentar rapidamente nos próximos anos, pelo uso cada vez mais precoce e em larga escala de tecnologias pelas crianças e adolescentes. Torna-se assim fundamental que haja uma consciencialização da comunidade, nomeadamente pais, escolas e outras figuras de autoridade, para esta realidade. Na prática, seria importante que nas escolas fossem implementados, de forma alargada, programas de prevenção e intervenção em *cyberbullying,* organizados por profissionais especializados na área.

É também de extrema importância o papel dos profissionais de saúde mental e de cuidados de saúde primários, no sentido de identificar precocemente casos de vitimização e fornecer informação sobre prevenção, atuação e potenciais consequências na saúde mental dos jovens.

O *cyberbullying* constitui-se, assim, como um fenómeno complexo, com características específicas, que o distinguem do *bullying* tradicional e de outras formas de agressão. É de extrema importância que, no futuro, as suas características sejam bem definidas e estudadas, em diferentes faixas etárias e em diferentes contextos, para que sejam implementadas medidas preventivas e de atuação consistentes, que permitam a proteção da população, em particular das crianças e adolescentes.

Referências

Aboujaoude, E., Savage, M. W., Starcevic, V., & Salame, W. O. (2015). Cyberbullying: Review of an Old Problem Gone Viral. *Journal of Adolescent Health, 57*(1), 10–18. doi: 10.1016/j.jadohealth.2015.04.011

Aoyama, I., Saxon, T. F., & Fearon, D. D. (2011). Internalizing problems among cyberbullying victims and moderator effects of friendship quality. *Multicultural Education & Technology Journal, 5*(2), 92–105. doi: 10.1108/17504971111142637

Álvarez-García, D., Pérez, J. C. N., González, A. D., & Pérez, C. R. (2015). Risk factors associated with cybervictimization in adolescence. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 15*(3), 226–235. doi: 10.1016/j.ijchp.2015.03.002

Cañas, E., Estévez, E., León-Moreno, C., & Musitu, G. (2020). Loneliness, Family Communication, and School Adjustment in a Sample of Cybervictimized Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(1), 335. doi: 10.3390/ijerph17010335

Chaux, E., Velásquez, A. M., Schultze-Krumbholz, A., & Scheithauer, H. (2016). Effects of the cyberbullying prevention program media heroes (Medienhelden) on traditional bullying. *Aggressive Behavior, 42*(2), 157–165. doi: 10.1002/ab.21637

Espelage, D. L., & Hong, J. S. (2016). Cyberbullying Prevention and Intervention Efforts: Current Knowledge and Future Directions. *The Canadian Journal of Psychiatry, 62*(6), 374–380. doi: 10.1177/0706743716684793

Ferrara, P., Ianniello, F., Villani, A., & Corsello, G. (2018). Cyberbullying a modern form of bullying: let's talk about this health and social problem. *Italian Journal of Pediatrics, 44*(1). doi: 10.1186/s13052-018-0446-4

Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del cyberbullying: Una revisión [Prevalence and consequences of cyberbullying: A review]. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy, 11(*2), 233–254

Gini, G., & Espelage, D. L. (2014). Peer Victimization, Cyberbullying, and Suicide Risk in Children and Adolescents. *Jama, 312*(5), 545. doi: 10.1001/jama.2014.3212

Guan, N. C., Kanagasundram, S., Ann, Y. H., Hui, T. L., & Mun, T. K. (2016). Cyberbullying-

—A new social menace. *ASEAN Journal of Psychiatry, 17*(1), 104–115

Prados, M. Á. H., & Fernández, I. M. S. (2012). Ciberbullying, Un Problema De Acoso Escolar. RIED. *Revista Iberoamericana De Educación a Distancia, 10*(1). doi: 10.5944/ried.1.10.1011

Katzer, C., Fetchenhauer, D., & Belschak, F. (2009). Cyberbullying: Who Are the Victims? *Journal of Media Psychology, 21*(1), 25–36. doi: 10.1027/1864-1105.21.1.25

Kwan, I., Dickson, K., Richardson, M., Macdowall, W., Burchett, H., Stansfield, C., … Thomas, J. (2020). Cyberbullying and Children and Young Peoples Mental Health: A Systematic Map of Systematic Reviews. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 23*(2), 72–82. doi: 10.1089/cyber.2019.0370

Marco, J. H., & Tormo-Irun, M. P. (2018). Cyber Victimization Is Associated With Eating Disorder Psychopathology in Adolescents. *Frontiers in Psychology, 9*. doi: 10.3389/fpsyg.2018.00987

Martínez-Monteagudo, M. C., Delgado, B., Inglés, C. J., & Escortell, R. (2020). Cyberbullying and Social Anxiety: A Latent Class Analysis among Spanish Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(2), 406. doi: 10.3390/ijerph17020406

Mehari, K. R., Moore, W., Waasdorp, T. E., Varney, O., Berg, K., & Leff, S. S. (2018). Cyberbullying prevention: Insight and recommendations from youths, parents, and paediatricians. *Child: Care, Health and Development, 44*(4), 616–622. doi: 10.1111/cch.12569

Menesini, E., & Nocentini, A. (2009). Cyberbullying Definition and Measurement. *Zeitschrift Für Psychologie / Journal of Psychology, 217*(4), 230–232. doi: 10.1027/0044-3409.217.4.230

Morin, H. K., Bradshaw, C. P., & Kush, J. M. (2018). Adjustment outcomes of victims of cyberbullying: The role of personal and contextual factors. *Journal of School Psychology, 70*, 74–88. doi: 10.1016/j.jsp.2018.07.002

Nixon, C. (2014). Current perspectives: the impact of cyberbullying on adolescent health. *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics, 143*. doi: 10.2147/ahmt.s36456

Olweus, D. (1993). *Bullying at School: What We Know and What We Can Do (Understanding Children's Worlds)*. Oxford: Blackwell Publishing.

Olweus, D. (2005). A useful evaluation design, and effects of the Olweus Bullying Prevention Program. *Psychology, Crime & Law, 11*(4), 389-402. https://doi.org/10.1080/10683160500255471

Patchin, J. W., & Hinduja, S. (Eds.). (2012). *Cyberbullying: An update and synthesis of the research*. In J. W. Patchin & S. Hinduja (Eds.), Cyberbullying prevention and response: Expert perspectives (p. 13–35). Routledge/Taylor & Francis Group.

Pham, T., & Adesman, A. (2015). Teen victimization: prevalence and consequences of traditional and cyberbullying. *Current Opinion in Pediatrics, 27*(6), 748–756. doi: 10.1097/mop.0000000000000290

Salazar, L. R. (2017). Cyberbullying Victimization as a Predictor of Cyberbullying

Perpetration, Body Image Dissatisfaction, Healthy Eating and Dieting Behaviors, and Life Satisfaction. *Journal of Interpersonal Violence, 088626051772573*. doi: 10.1177/0886260517725737

Suzuki, K., Asaga, R., Sourander, A., Hoven, C. W., & Mandell, D. (2012). Cyberbullying and adolescent mental health. *International Journal of Adolescent Medicine and Health, 24*(1). doi: 10.1515/ijamh.2012.005

Tavares, Hugo. (2012). Cyberbullying na adolescência. Nascer e Crescer, 21(3), S174--S177

Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior, 26*(3), 277–287. doi: 10.1016/j.chb.2009.11.014

Veiga Simão, A. M., Ferreira, P., C., Pereira, N., & Oliveira, S. (2019). *ComViver: Promover comportamentos pró-sociais: Investigação e intervenção no âmbito do cyberbullying*. In M. Bastos (Ed.), A universidade do encontro e da inclusão (pp. 36-47). Universidade Federal de Pelotas

Vieno, A., Gini, G., Lenzi, M., Pozzoli, T., Canale, N., & Santinello, M. (2014). Cybervictimization and somatic and psychological symptoms among Italian middle school students. *The European Journal of Public Health, 25*(3), 433–437. doi: 10.1093/eurpub/cku191

Williford, A., Elledge, L. C., Boulton, A. J., DePaolis, K. J., Little, T. D., & Salmivalli, C. (2014). Effects of the KiVa antibullying program on cyberbullying and cybervictimization frequency among Finnish youth. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 42*, 820–833. doi: 10.1080/15374416.2013.787623